

bando de corvos  
série os outros / volume 2  
anne bishop

Tradução de Luís Santos



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## *Uma Breve História do Mundo*

**H**á muito tempo, de Namid nasceram todas as formas de vida, incluindo os seres conhecidos como humanos. Namid ofereceu aos humanos pedaços férteis de si própria, e deu-lhes também boa água. Uma vez que tão bem conhecia a natureza dos humanos e a natureza dos seus outros descendentes, Namid concedeu-lhes ainda isolamento quanto bastasse para que tivessem possibilidade de sobreviver e de medrar. E assim foi.

Aprenderam a fazer lume e abrigos. Aprenderam a cuidar da terra e a construir cidades. Fizeram barcos e pescaram no Mediterrâneo e no Mar Negro. Multiplicaram-se e espalharam-se pelos seus pedaços do mundo até entrarem nos lugares selvagens. Foi então que descobriram que os outros descendentes de Namid já haviam reclamado o resto do mundo.

Os Outros olharam para os seres humanos e não viram conquistadores. Viram, isso sim, carne nova.

Travaram-se guerras pela posse dos lugares selvagens. Por vezes, os humanos venciam e chegavam um tudo-nada mais longe. Todavia, o mais habitual era que áreas de civilização desaparecessem, ficando os sobreviventes receosos a tentar não tremer ao escutar os uivos na noite, ou quando alguém que se afastasse da segurança das portas robustas e da luz era encontrado exangue, na manhã seguinte.

Passaram-se séculos e os seres humanos construíram navios maiores que os levaram pelo Oceano Atlântico. Ao encontrarem terra virgem, erigiram uma colónia junto à costa. Descobriram então que essa terra havia igualmente sido reclamada pelos *terra indigene*, os nativos da terra. Os Outros.

Os *terra indigene* que governavam o continente chamado Thaísia ficaram zangados quando os seres humanos derrubaram árvores e usaram arados para cultivar uma terra que não lhes pertencia. Por isso, os Ou-

tros comeram os colonos e conheceram a forma dessa carne específica, tal como já haviam feito tantas vezes no passado.

A segunda onda de colonos e de exploradores encontrou a colónia abandonada e, mais uma vez, os humanos tentaram tomar posse da terra.

Os Outros também os comeram.

A terceira onda de colonos tinha um líder mais inteligente do que os antecessores, que ofereceu aos Outros mantas quentes, tecido para roupas e objetos brilhantes. Em troca pôde viver na colónia e dispor de terra suficiente que plantar. Os Outros consideraram a troca justa e afastaram-se dos limites das terras que os humanos podiam usar. Novos presentes foram trocados por privilégios de caça e de pesca. Era um estado de coisas que satisfazia ambos os lados, mesmo arreganhando uma das partes os dentes por tal tolerância e a outra engolindo o medo e certificando-se de que os seus se encontravam de volta à povoação antes do cair da noite.

Com o passar dos anos assistiu-se à chegada de cada vez mais colonos. Bastantes morreram, mas foram muitos os que prosperaram. Os colonatos cresceram e tornaram-se aldeias, que chegaram a vilas e acabaram por se transformar em cidades. Pouco a pouco, os humanos percorreram Thaísia, espalhando-se tanto quanto possível pelas terras cujo uso lhes fora permitido.

Passaram-se séculos. Os seres humanos eram inteligentes. Os Outros também. Os humanos inventaram a eletricidade e a canalização. Os Outros controlavam os rios que acionavam os geradores e os lagos que garantiam água potável. Os humanos inventaram os motores a vapor e o aquecimento central. Os Outros controlavam o combustível indispensável para fazer funcionar os motores e aquecer os edifícios. Os humanos inventaram e fabricaram produtos. Os Outros controlavam todos os recursos naturais, decidindo, assim, o que seria ou não feito na sua parte do mundo.

É óbvio que se verificaram choques, e alguns sítios tornaram-se memoriais sombrios dos mortos. Esses locais acabaram por deixar bem claro aos líderes humanos que eram os *terra indigene* que governavam Thaísia, e só o fim do mundo poderia alterar tal estado de coisas.

Chegamos ao nosso tempo. Erguem-se pequenas aldeias humanas

em vastas extensões que pertencem aos Outros. Nas cidades humanas de maior dimensão existem parques vedados chamados Pátios, habitados pelos Outros cujo dever é vigiar os habitantes da cidade e garantir que os humanos cumprem os acordos firmados com os *terra indigene*.

Ainda se verifica uma tolerância atenta de um lado e um profundo receio pelos que vivem na noite no outro, mas se tiverem cuidado, os seres humanos sobrevivem.

Quase sempre sobrevivem.



## Capítulo 1

**A**cordado pelos movimentos inquietos da companheira de cama, Simon Wolfgard bocejou, virou-se e observou Meg Corbyn, que praticamente se destapara. Isso não seria bom para ela, pois não tinha pelo e podia acabar por apanhar uma gripe. Um Lobo *terra indigene* só apanhava alguma coisa que quisesse, e não era capaz de imaginar um único motivo para que um ser humano pudesse querer apanhar uma constipação. Claro que, ao que parecia, certos humanos queriam, e lá apanhavam uma, com o frio. E mesmo nos últimos dias de Fevros, a Região Nordeste de Thaísia era bastante fria. Claro que, se ela se sentisse a arrefecer, sempre podia enroscar-se a ele, o que seria assisado, já que um Lobo tem uma bela pelagem para o inverno e, sendo o que era, ele gostava da proximidade.

Se há umas semanas alguém lhe sugerisse que iria travar amizade com uma humana e preocupar-se a ponto de velar por ela durante a noite, Simon limitar-se-ia a rir-se. Mas ali estava ele, no apartamento de Meg, no Complexo Verde, enquanto o sobrinho Sam ficava com Elliot, progenitor de Simon, no Complexo dos Lobos. Antes do ataque ao Pátio de Lakeside, no início do mês, ele e Sam enroscavam-se com Meg para uma sesta, ou mesmo para passar a noite. No entanto, nessa noite haviam acontecido coisas, com homens a tentarem raptar Meg e Sam. Para começar, Meg quase morrera ao salvar Sam desses homens. Por outro lado, acontecera-lhe qualquer coisa a *ele* a caminho do hospital, levando-o a sentir uma fúria descontrolada. Imaginava o que poderia ter acontecido, razão pela qual Sam, ainda uma cria desprovida de autocontrolo, deixara de dormir com Simon quando este se enroscava com Meg.

Meg dizia às pessoas que media cento e cinquenta e cinco centímetros, pois assim parecia mais alta do que o seu pouco mais de metro e meio. Tinha vinte e quatro anos de idade, cabelo cor de laranja bizarro

que, ao crescer, regressava ao seu preto natural, olhos de um cinza-claro como os dos Lobos, e pele pálida. Uma pele estranha e frágil que facilmente ganhava cicatrizes.

Era uma *cassandra sangue*, uma profetisa de sangue — uma mulher que tinha visões e que fazia profecias sempre que a pele era cortada. Quer fosse um corte formal, realizado com a sua lâmina especial, ou um ferimento causado por uma pedra aguçada, ela tinha visões do que poderia acontecer no futuro.

Os Sanguinati chamavam «sangue-doce» às mulheres como Meg, pois elas mantinham a doçura do coração de uma criança, mesmo sendo adultas. Essa doçura, a par das visões que lhe corriam pelo sangue, levava a que não fossem presas. Tornava-as criações de Namid, a um tempo maravilhosas e terríveis. Porventura seriam mais terríveis do que o imaginado pelos *terra indigene*.

Lidaria com o terrível quando chegasse a isso, se tal viesse a acontecer. Por enquanto, Meg era Meg, a Intermediária Humana do Pátio, e sua amiga.

A jovem começou a fazer ruídos e a espernear como se estivesse a correr.

<Meg?> Ela não ouvia a fala dos *terra indigene*, mas, mesmo assim, Simon tentou, pois não imaginava que se tratasse de um agradável sonho de perseguição a um veado, sobretudo por de repente ter começado a sentir um leve cheiro a medo vindo dela. <Meg?>

Enfiou o nariz por baixo da orelha dela, numa tentativa de a acordar.

No sonho, Meg ouvia o monstro aproximar-se cada vez mais. O som era-lhe familiar, e a destruição que Meg sabia seguir-se tornava-o horrível. Tentou gritar um alerta, tentou chamar ajuda, tentou fugir das imagens que lhe enchiam a mente.

Quando sentiu algo a tocar-lhe por baixo da orelha, Meg esbracejou, gritou e pontapeou com quanta força tinha. O pé foi bater em alguma coisa. Horrorizada, voltou a espernear.

Aos pontapés seguiu-se um ganido e um baque surdo que a levaram a procurar o interruptor para acender a luz.

Ofegante e a sentir a pulsação nos ouvidos, Meg começou por se aperceber de que a mesa de cabeceira batia certo com a imagem que

retivera antes de adormecer, exceção feita ao pequeno relógio ao lado do candeeiro, que agora marcava três horas. Aliviada com a visão familiar, olhou para trás.

Não se encontrava numa cela estéril, num complexo dominado por um homem que lhe cortava a pele em busca de lucro. Estava no seu quarto, no apartamento no Pátio de Lakeside. E estava sozinha.

No entanto, não estava sozinha quando apagara a luz, havia poucas horas. Ao adormecer, tinha um grande Lobo peludo estendido a seu lado.

Meg agarrou em tanto cobertor quanto possível, deitou-se e puxou-o até ao queixo antes de murmurar: — Simon?

No chão ao lado da cama ouviu-se um ronco que parecia ele. Surgiu então uma cabeça humana, e Simon Wolfgard fitou-a com olhos ambarinos com lampejos vermelhos — sinal garantido de que estava irritado.

— Já estás acordada? — rosnou.

— Sim — respondeu Meg, debilmente.

— Ótimo.

Meg vislumbrou músculos e pele *nua* antes de ele se enfiar debaixo dos cobertores. A jovem virou-lhe as costas, de coração a bater com um tipo diferente de receio.

Ele *nunca* dormia com ela na forma humana. O que significaria estar naquele momento como humano? Poderia querer... *sexo*? Ela não... Ela nunca... Nem tinha a certeza de ser capaz com... Mas, e se ele esperasse que...?

— S-Simon? — A voz tremia-lhe.

— Meg? — O rosnado ainda se fazia sentir na voz *dele*.

— Não estás Lobo.

— Sou sempre um Lobo.

— Mas não estás um Lobo *peludo*.

— Pois não. E tu estás a açambarcar os cobertores. — Dito isto, Simon agarrou nos cobertores que ela segurava e puxou, fazendo Meg tombar contra ele. Antes de ela ser capaz de decidir o que fazer, os cobertores envolviam-nos e Simon prendera-a entre o seu corpo e a cama. — Para de te remexer — quase ladrrou. — Se magoas mais do que a anca a que deste um pontapé, mordo-te.

Meg deixou de se contorcer, mas não por ele ter ameaçado mordê-la. No sangue de Meg nadavam profecias e visões, libertadas quando a pele



era cortada. Simon sabia disso, pelo que não lhe rasgaria a pele. Todavia, nas últimas semanas descobrira como mordiscá-la por cima da roupa com força suficiente para a magoar sem danificar a pele — era o gesto disciplinador de um Lobo adaptado àquele tipo de ser humano.

Meg irrompera pelo Pátio de Lakeside havia sete semanas, meio gelada e à procura de trabalho. Nesses primeiros dias, Simon ameaçara comê-la com regularidade, o que não era a sua forma habitual de tratar os funcionários, já que a reação da maioria seria apresentar a carta de demissão enquanto corressem para a porta. No entanto, quando os Outros descobriram que ela era uma profetisa de sangue em fuga do homem que fora seu dono, eles haviam decidido tratá-la como um dos seus. E também protegê-la como um dos seus, sobretudo depois de ela ter caído pelo gelo partido e quase se afogado ao servir de diversão para o inimigo, afastando-o de Sam, o sobrinho de Simon. Razão pela qual ela dormia com Simon enroscado a seu lado, de guarda, desde que regressara do hospital.

Ficaria menos satisfeita com a falta de privacidade noturna se aquele corpo peludo não a aquecesse tanto.

Seria por isso que o apartamento estava sempre frio, para que ela não se queixasse de ter Simon a dormir consigo? Não lhe ocorrera queixar-se porque ele era um Lobo. Só que agora não era um Lobo com aspeto lupino, e ter Simon na forma humana na cama com ela era... diferente. Confuso. Ameaçador de uma forma que era incapaz de explicar.

Claro que, peludo ou não, ele era quente e não estava a *fazer* nada. Além disso, ainda era demasiado cedo para se levantar, pelo que a questão seria algo... a ponderar... amanhã.

Estava a deixar-se levar pelo sono quando Simon a abanou ao de leve e perguntou: — O que é que te assustou?

Já devia saber que ele não ignoraria o assunto. E talvez fosse o mais correto. As capacidades de Meg enquanto profetisa haviam mudado desde que fugira do complexo e acabara a viver com os Outros. Estava mais sensível, de tal maneira que nem sempre precisava de cortar a pele para ter visões — sobretudo quando, de alguma forma, lhe diziam respeito.

As imagens estavam a desvanecer-se. Sabia que vira coisas no sonho de que já não se recordava. Iria lembrar-se fosse do que fosse pela manhã? Ainda assim, até pensar em recordar o sonho lhe provocava arrepios.

— Não foi nada — asseverou, querendo acreditar no que dizia. — Só um sonho. — Até as profetisas de sangue tinham sonhos normais, não era verdade?

— Assustou-te a ponto de me teres empurrado da cama. Isso foi alguma coisa, Meg. — Simon abraçou-a com mais força. — E sabes que mais? Podes ser pequena, mas tens um coice de alce. Ficas a saber que vou dizer isso aos outros Lobos.

Era mesmo disso que ela precisava. *Lá vai a nossa Intermediária, Meg, Coice de Alce.*

Por enquanto, o Lobo dominante e líder do Pátio aguardava uma resposta.

— Estava a ouvir um barulho — respondeu Meg, baixinho. — Devia saber o que era, mas não fui capaz de o identificar.

— Um barulho das tuas aulas? — indagou Simon, também baixinho, referindo-se à formação que ela recebera no complexo para reconhecer o que visse ou ouvisse nas profecias.

— Das aulas, sim — admitiu ela —, mas também daqui. E não era um som único, mas sim muitas coisas que, juntas, têm um significado específico.

Fez-se um momento de silêncio pensativo.

— Muito bem. E que mais?

Meg sentiu um arrepio. Simon abraçou-a mais em resposta, e ela sentiu-se aquecida. Segura.

— Sangue — murmurou Meg. — É inverno. Há neve no chão e está salpicada de sangue. E vi penas. — Virou-se e encarou-o. — Era por isso que estava a tentar gritar, para que alguém me ouvisse. Vi penas pretas quebradas na neve ensanguentada.

Simon observou-a.

— Estavas a vê-las? Não está escuro lá fora?

Meg pensou por um instante, ao que abanou a cabeça.

— É de dia. Não está um Sol brilhante, mas é de dia.

— Reconheceste o sítio?

— Não. À exceção da neve, no sonho não houve nada que indicasse um lugar.

Simon esticou-se por cima de Meg e apagou a luz.

— Nesse caso, volta a dormir, Meg. Amanhã vamos atrás dessa presa.

Esticou-se ao lado dela e adormeceu quase de imediato, tal como acontecia quando se encontrava na forma de Lobo. Só que não estava com forma de Lobo, e Meg não sabia como dizer-lhe que tê-lo a dormir ao lado dela, com aspeto e sensação de macho humano, alterara qualquer coisa entre eles.

## Capítulo 2

O Raivoso tinha a carrinha do pai estacionada à frente da casa do melhor amigo, o Pardo, e esperava com o Uivos, o outro melhor amigo, pelo início da diversão. Naquela zona de Walnut Grove, o Dia do Vento era dia de recolha do lixo, e os malfadados Corvos do Pátio andariam a esvoaçar à frente dos camiões para revirar o lixo que os seres humanos deitavam fora. Todas as malditas semanas eles apareciam e espiolhavam os baldes de lixo que eram deixados junto à estrada. Espreitavam, remexiam e afastavam-se a voar com todo o género de porcaria, pois, afinal de contas, era isso que os Corvos faziam — apanhavam porcaria.

Não havia nada que se pudesse fazer. Pelo menos fora isso que dissera o Agente Secreto. Nem sequer se podia disparar à sorte contra aqueles gatunos emplumados, pois as penas de prisão e as multas arruinavam famílias inteiras. Mas o Pardo, que sabia encontrar no computador coisas que não era bom que os pais descobrissem, ficara a saber de um jogo do caraças chamado Armadilha de Corvos e Morte na Berma. Os mariquinhas podiam inscrever-se no *site* e jogar no computador, mas para a experiência real eram precisas duas drogas muito especiais: «lobo passado» e «na-boa».

Não era fácil obter o produto e nenhuma das drogas era barata. Ele, o Pardo e o Uivos tinham precisado de quase dois meses a juntar os trocos para comprar os frasquinhos que o Uivos adquirira ao amigo de um amigo que conhecia alguém que sabia de uma pessoa. Iam agora saber se as drogas e o jogo valiam a pena.

— Vá lá — resmungou o Raivoso. — Tenho de devolver a carrinha antes que o velho queira ir trabalhar.

O Uivos baixou o vidro do passageiro.

— Estou a ouvir os camiões do lixo. Devem estar no quarteirão seguinte. O Agente S já está despachado?

O Raivoso pegou no telefone móvel que tinha no bolso e fez a chamada.

— Estás despachado? — perguntou, quando o Pardo atendeu.

— Dei-lhes a comida com o produto — respondeu o Agente S. — Tens a certeza da dose?

Pelos deuses, não, é claro que não tinha a certeza da dose. Na semana anterior, os três tinham dividido metade do frasco de «lobo passado», para experimentar, e só lhe ficara a mais vaga das recordações do que acontecera depois de terem encontrado Priscilla Kees, que não devia regressar a casa sozinha à noite. Mas lembrava-se de que se sentira mais do que excitado. Sentira-se bravo e poderoso — e queria voltar a sentir-se assim.

Mas só daí a algum tempo. Só quando as coisas acalmassem. Priscilla não voltara à escola, e ele ouvira a mãe contar à avó que o ataque depravado provocara lesões às entranhas da jovem *lá em baixo* e talvez outros tipos de dano, e não ia deixar que a filha *dela* andasse sozinha, nem que fosse para ir a casa de uma amiga seis portas ao fundo da rua. Só quando apanhassem os animais que tinham feito *aquilo* a Priscilla.

Era estranho ouvir a mãe a falar assim, como se quisesse magoar alguém a sério. Isso assustava-o, razão pela qual ficara satisfeito por terem decidido usar o resto do «lobo passado» para o jogo. Quando voltassem a ter dinheiro para mais droga, as coisas já teriam regressado ao normal.

— Ainda aí estás, Raivoso? — indagou o Agente S. — Os cães parecem esquisitos, e não gosto da maneira como estão a olhar para mim. Deixa-me incomodado.

— Aí vêm eles — indicou o Uivos quando os Corvos se acercaram. Chegou-se à frente e assentou a mão no tabliê.

— Vá lá, aberrações — murmurou o Raivoso. — Tomem lá um esparguete «na-boa». — Soltou uma risadinha. — Tomem «na-boa» e ficam a sentir-se tão na boa que nem sentem nada.

O Uivos garantia que a droga era poderosa o suficiente para deixar um Lobo adulto indefeso como um cachorrinho recém-nascido — ou para manter os Corvos todos no chão. Assim, na véspera tinham comprado uma dose dupla de esparguete. Naquela manhã tinham misturado a «na-boa» na comida e deixado mancheias dela na rua, junto a seis baldes do lixo.

Os Corvos aproximaram-se, dirigindo-se aos baldes que não esta-

vam bem tapados ou que tinham coisas ao lado. Assim que o primeiro Corvo avistou o esparguete, chegaram pássaros vindos de todos os lados, ficando Raivoso sem saber se seriam Corvos ou corvos. Fossem o que fossem, estavam a devorar o esparguete.

— Vá lá, montes de merda — murmurou o Raivoso. — Toca a comer. — Falou para o telefone móvel. — Agente S? Está quase.

— Olha — indicou o Uivos. — Quem é aquela?

Viram a jovem diminuta de cabelo preto a andar de casa em casa, a espreitar os baldes de lixo.

— É perfeito — asseverou o Raivoso. — Temos um dos Outros em forma humana.

— O camião do lixo deve estar mesmo a chegar — alertou o Uivos. — Temos de sair daqui antes que nos vejam.

— Sim, sim. — O Raivoso ficou a observar os pássaros mais alguns momentos. Um carro que descia a rua teve de guinar para evitar um pássaro que nem sequer tentou desviar-se. Perfeito. — Agente S, solta os cães.

Os dois cães de caça do pai do Agente S saíram do pátio a correr, avistaram os pássaros e atacaram-nos com uma selvajaria que deixou o Raivoso a um tempo excitado e agoniado. Alguns dos pássaros bateram as asas, numa inútil tentativa de escapar, que serviu apenas para chamar a atenção dos cães para eles — e para a jovem imobilizada junto a um balde de lixo.

— Que merda — exclamou o Uivos. — Eu sei quem ela é! É a miúda nova lá da escola. A família acabou de se mudar para cá, de Tokhar-Chin. Temos de deter os cães!

— Não os podemos deter! — O Raivoso tentou agarrar o blusão do Uivos, mas este já praticamente tombara da carrinha e gritava: — Agente S! Vai chamar o teu pai! Chama o teu pai!

Nada a fazer, a não ser ir com o amigo. Não podia ficar ali parado enquanto o Uivos bradava, a rapariga gritava e as pessoas saíam de casa, algumas vestidas para o trabalho e outras ainda de roupão, apesar da neve e do frio.

De repente, foi empurrado para o lado por alguém que gritava para todos se desviarem, e...

*Pum. Pum.*

Esse mesmo alguém gritava agora para que chamassem a polícia,

chamassem uma ambulância, e o Raivoso reconheceu-o finalmente. Não sabia o nome, só que era um polícia amigo do pai do Agente S.

O polícia estava agora junto à rapariga, a pressionar o ferimento no pescoço que não deixava de sangrar. Olhou para o pai do Agente S e disse: — Desculpa, Stan, mas tive de os abater.

— A miúda vai ficar bem? — perguntou Stan.

O polícia fez uma pausa, depois levantou a mão e abanou a cabeça. Depois de limpar as mãos com neve fresca, levantou-se e encarou o Raivoso e o Uivos.

— O que estão vocês aqui a fazer?

Stan fitou a rapariga e depois os cães.

— Pelos deuses, o que é que lhes deu? E como é que saíram do quintal?

— Vamos levá-los e analisá-los. Vamos descobrir se houve algum motivo para ficarem loucos. — O polícia falava dos cães, é claro que sim, mas manteve os olhos fitos no Raivoso. Depois olhou para os pássaros mortos. — Pois é, vamos precisar de análises.

O Raivoso tentou conjurar uma história sobre ter passado por ali para dois dedos de conversa com o Agente S, mas, de repente, a rua ficou lotada de veículos oficiais e uma série de polícias mostravam-se interessados em ouvir a versão dele, e queriam ouvi-la lá na esquadra, na presença do pai. Foi por isso que regressou a casa num carro da polícia.

Foi por isso que a polícia estava com ele quando entrou na cozinha e descobriu que Priscilla se recordara de muito mais do que acontecera naquela noite, na semana anterior, e fora por isso que ela levava a caçadeira do pai nessa manhã, para lhe fazer uma visita em casa.

## Capítulo 3

**A**o final da manhã do Dia do Vento, o tenente Crispin James Montgomery parou o carro-patrolha no parque de estacionamento para clientes do Pátio, saiu e inspirou o ar que ainda lembrava o gelo do inverno. Nada de admirar, tendo em conta a borrasca que assolara a cidade de Lakeside no início do mês — uma tempestade que provou a todos que ali viviam que os metamorfos e os vampiros que davam a cara pelo Pátio não eram os mais perigosos *terra indigene* ali presentes. Irados pelo ataque contra o Pátio e pela morte de um dos seus corcéis, as Elementais, lideradas por Inverno, haviam libertado a sua fúria sobre a cidade e residentes, naquilo a que os jornais e a televisão apelidaram de tempestade do século.

Alguns edifícios haviam sido danificados ou ficado destruídos com a tempestade. Houve feridos e alguns mortos. Bairros inteiros da cidade passaram dias sem energia, com as pessoas a fazerem das tripas coração para se aquecerem e alimentarem, com Lakeside isolada por um nevão sem precedentes e por blocos de gelo que cortavam as estradas de acesso.

Depois de ter passado o tempo livre das últimas duas semanas a informar-se sobre outras povoações humanas destruídas após um conflito com os Outros, Monty sabia que a tormenta e suas consequências poderiam ter sido muitíssimo piores. Não sabia com quem Meg Corbyn falara, nem o que dissera, mas estava disposto a apostar um mês de ordenado em como fora graças a ela que os blocos de gelo se haviam, pura e simplesmente, derretido certa noite, permitindo a entrada na cidade dos suprimentos necessários. Ela alertara os Outros para a existência de um veneno destinado aos corcéis das Elementais. Salvara Sam, o sobrinho de Simon Wolfgard, durante o ataque ao Pátio. Conquistara a confiança de seres que raramente confiavam nos seres humanos, se é que alguma vez o faziam.

Por outro lado, como ela era o alvo original dos invasores, acabara



por ser indiretamente responsável pela tempestade que afetara Lakeside, bem como pelas mortes do presidente da Câmara de Lakeside e do governador da Região Nordeste. Claro que só uma mancheia de pessoas sabia disso. Para todas as outras, a história oficial era que um grupo de forasteiros entrara em Lakeside com a intenção de causar problemas, levando os Outros a ripostar quando rebentara parte do Complexo de Serviços do Pátio e vários *terra indigene* tinham sido mortos. Uma vez que todos os relatos noticiosos deixavam bem claro que haviam sido os humanos a dar início ao conflito, nas últimas duas semanas assistira-se a tréguas expectantes entre os cidadãos de Lakeside e os Outros.

Talvez as pessoas estivessem ocupadas a reparar os seus lares e negócios, só querendo regressar à vida normal. Ou talvez se esforçassem por se afastar dos seres que dominavam o continente de Thaísia. E não só Thaísia. Os *terra indigene* controlavam a maior parte do mundo. Para eles, os seres humanos eram apenas mais um tipo de carne, sendo a única diferença entre as pessoas e os veados o facto de aquelas inventarem e fabricarem produtos que pelo menos alguns dos Outros gostavam de possuir. Era o único motivo por que os Outros de Thaísia arrendavam extensões de terreno onde os seres humanos podiam viver e cultivar alimentos, e forneciam às pessoas os recursos necessários para a produção de bens. Claro que assim que faziam alguma coisa de que os *terra indigene* não gostavam, os humanos voltavam a ser apenas carne.

Não era uma verdade fácil de engolir num dia bom, e tendo em conta a informação que ele estava prestes a transmitir a Simon Wolfgard, aquele não seria um dia bom.

Monty passou pela costureira/alfaiate e pelo Trincadela, o café/pastelaria que era um dos poucos estabelecimentos do Pátio abertos à população humana de Lakeside em geral. Quando chegou à Ler e Uivar por Mais, a livraria cogerida por Simon Wolfgard e Vladimir Sanguinati, ignorou a placa que dizia «Apenas Residentes» e bateu à porta.

Simon aproximou-se da entrada e demorou-se um momento a mais a olhar para Monty, o que deu tempo ao polícia para pensar no contraste entre os dois. Wolfgard parecia um homem em forma, na casa dos trinta anos, com rosto atraente e cabelo escuro com um corte que se adequava à personagem do proprietário de um negócio. Regra geral, passava bem por humano. Salvo pelos olhos. A cor ambarina não deixava esquecer de que se estava perante um Lobo *terra indigene*, um predador — sobretudo

agora que Wolfgard deixara de usar os óculos de armação de metal com que tentara parecer menos perigoso. Monty, por outro lado, era um ser humano trigueiro de estatura mediana que só com esforço conseguia ficar em forma. Ainda não fizera quarenta anos, mas o cabelo curto encrespado já mostrava algum grisalho. O rosto ostentava rugas que não existiam havia poucos meses.

Simon lá abriu a porta, finalmente, e Monty entrou na loja.

— Hoje não atendem clientes humanos? — perguntou Monty enquanto Simon voltava a trancar a porta.

— Não — respondeu Simon com brevidade. Coxeou até um carrinho cheio de livros e começou a refazer o expositor na frente da livraria.

Monty cumprimentou a jovem ao balcão, um dos seres humanos que trabalhavam no Pátio.

— Menina Houghton.

— Tenente — respondeu Heather.

Parecia assustada, e quando meneou a cabeça na direção de Simon, como se dissesse «cuidado com ele, passa-se alguma coisa», Monty interrogou-se se os residentes do Pátio já saberiam do que acontecera ou se Heather teria outro motivo para se sentir receosa.

— Magoou a perna? — indagou Monty num tom casual, depois de passar um instante a observar Simon.

Simon pousou um livro na mesa com um baque e rosnou.

— Ela empurrou-me da cama ao pontapé! Estava a ter um sonho mau, por isso tentei acordá-la, e *ela empurrou-me da cama ao pontapé*. — Monty não teve de perguntar quem *ela* era. Reparou que Heather, que agora fitava o Lobo de olhos arregalados, também não o fez. — E depois pôe-se a agir e a cheirar como uma coelhinha, por eu estar ali na forma humana. — Simon largou mais livros sobre a mesa, um dos quais foi cair ao chão. O Lobo não deu por nada. — Que diferença faz se estou peludo ou não? — Apontou para Heather com um olhar que deixava claro que esperava por uma resposta.

— Aaaaahhhh — disse ela, relanceando Monty. — Pooooiiiiis. Quando a minha mãe faz uma sesta, o nosso gato vai enroscar-se com ela e o meu pai não se importa. Mas não me parece que ele gostasse que o gato, de repente, se transformasse num homem.

— Porquê? — exigiu Simon. — O gato continuava a ser um gato numa forma diferente.

Heather produziu um som bizarro e não respondeu.

Monty pigarreou baixinho antes de adiantar: — É uma forma que pode fazer sexo com uma fêmea humana.

— Eu não queria sexo! — bradou Simon. — Só queria a minha parte dos cobertores. — Lançou um olhar irado e hostil a Heather. — As fêmeas são peculiares.

*Bolas*, pensou Monty ao ver as lágrimas a assomarem aos olhos de Heather.

— Vou separar os exemplares para estas encomendas. — Heather fungou e dirigiu-se apressadamente ao armazém nos fundos da livraria.

— Se tentares despedir-te, como-te! — vociferou Simon. A única resposta foi o som de uma porta a bater. Simon olhou para o expositor, que não passava de uma pilha desleixada de livros. Depois mirou Monty e rosnou: — O que é que quer?

Pois, não era um bom dia para o assunto que o levava ali, mas Monty precisava de qualquer informação que Wolfgard lhe pudesse dar, e ao partilhar o que sabia, esperava poupar Lakeside a uma nova mostra da fúria dos *terra indigene*.

— Hoje já ouviu rádio ou viu televisão? — perguntou Monty. — Sabe o que aconteceu em Walnut Grove?

Simon não se mexeu, parecendo nem sequer respirar.

— Assassinarão Corvos?

— Mataram alguns pássaros — replicou Monty cuidadosamente. — O contacto do capitão Burke na polícia de Walnut Grove não adiantou grandes pormenores, pelo que não sei dizer se os pássaros eram corvos ou Corvos. — Hesitou. — A Menina Corbyn sonhou com isto? — Ou teria sido mais do que um sonho? Teria pegado na lâmina e cortado a pele para dizer palavras proféticas?

— Ela sonhou com sangue e penas pretas partidas na neve. — Simon rosnou e lançou um olhar de desafio a Monty. — Ela não se cortou. Se ela se tivesse cortado, eu teria cheirado o sangue.

Seriam os sonhos proféticos normais para uma profetisa de sangue, ou seria aquilo um indício de que a estabilidade mental de Meg poderia estar a ceder? Não se tratava de algo que pudesse debater naquele dia, pelo menos com Simon Wolfgard.

— Esse seu capitão Burke soube mais alguma coisa? — indagou Simon.

*Estará a pensar em algo concreto?*, interrogou-se Monty.

— Ao que parece, os pássaros foram atacados por dois cães de caça. Podem ter saído do quintal por acidente e agido por instinto, mas uma adolescente também foi morta. — A mãe, o pai e a irmã mais nova de um dos rapazes presentes aquando do ataque dos cães também haviam sido mortos, embora Monty imaginasse que Wolfgard não estaria interessado numa jovem a abater uma família a tiro, a menos que isso acabasse por ter a ver com o que acontecera aos pássaros.

Simon olhou pela montra da livraria.

— Ainda não vi Corvos esta manhã. Não ouvi Corvos esta manhã. — Dirigiu-se ao balcão, pegou no telefone e marcou um número. Passados alguns segundos, resmungou: — Ocupado, que grande surpresa. — Desligou e marcou outro número. — Jenni? É o Simon. Quero falar contigo. *Já*.

De onde estava, Monty pôde ouvir o protesto de Jenni Crowgard, pelo que Simon de certeza também o ouvira. Não obstante, o Lobo desligou.

Elliot Wolfgard estava à frente do consulado e era o rosto público do Pátio, o nativo da terra que falava com o presidente da Câmara e que lidava com o governo de Lakeside. Contudo, Simon Wolfgard era o líder daquele Pátio, e ali ninguém contestava o líder, exceção feita, talvez, ao Pardo que também ali residia. E às Elementais, que não prestavam contas a ninguém.

— *Não* vai falar com a Meg sobre isto — ordenou Simon. — Ainda não.

Monty queria perguntar a Meg acerca do sonho antes que ele ficasse enevoado por quaisquer imagens que visse ou ouvisse nos noticiários. Contudo, não discutiu, percebendo que fizera a escolha certa quando assentiu e viu Simon a desconstrair-se um tudo-nada.

— Se alguém do clã dos Corvos souber de alguma coisa sobre as mortes, eu telefono — garantiu Simon.

— Obrigado — agradeceu Monty. — A polícia de Walnut Grove está a fazer análises aos cães e aos pássaros. É possível que todas as forças de segurança da zona nordeste de Thaísia sejam informadas dos resultados. Entre em contacto assim que souber alguma coisa. Sinceramente, Sr. Wolfgard, esperamos que os cães estivessem apenas irritados e que os pássaros não tivessem sido rápidos o suficiente para fugir a tempo. — A jovem não fora. — Não sendo esse o caso... — Não queria dizê-lo.

Simon não teve pejos em concluí-lo.

— Será o primeiro sinal de doença na Região Nordeste. Pode ser a mesma doença que levou aos problemas na Região do Midwest e que provocou os desacatos no mês passado, em Jerzy.

*Não é uma doença, mas sim uma droga*, pensou Monty. E *desacatos* era um eufemismo para a chacina de um terço da população dessa aldeia. Restava agora saber-se se era uma doença ou uma droga, um tema que seria abordado quando a polícia de Walnut Grove recebesse o resultado das análises, pois Monty acreditava que Simon fora exposto à mesma droga na noite da borrasca. Era a única explicação para a agressividade excessiva mostrada pelo Lobo quando Meg fora levada para o hospital.

— O agente Kowalski esteve no Corre & Bate, a usar a passadeira e as máquinas de pesos, mas acho que foi aos apartamentos — indicou Simon.

À laia de agradecimento a Monty e à sua equipa por terem protegido Meg enquanto esta estivera no hospital, os Outros concederam aos agentes o uso de um dos apartamentos de serviço por cima da costureira/alfaiate. Com a taxa da água nos valores em que estava, um duche fora de casa duas vezes por semana era uma vantagem que alguém como Karl Kowalski não se podia dar ao luxo de ignorar.

— Ele não costuma usar o nosso ginásio de manhã. — Simon ofereceu a Monty um olhar inquiridor, confirmando que o Lobo conhecia os horários da equipa de Monty quase melhor do que ele. Também servia de confirmação para o facto de que os Outros nunca ignoravam nada que alterasse a rotina de quem lidava com eles.

— Ele hoje tirou umas horas para tratar de assuntos pessoais — adiantou Monty. Wolfgard não precisava de saber que o capitão Burke considerava o tempo pessoal passado no Pátio como sendo horário de trabalho, já que lidar com os Outros era perigoso, mesmo na melhor das circunstâncias.

— O doutor Lorenzo anda a cheirar o consultório da Praça do Mercado — acrescentou Simon.

— Então vou cumprimentar o senhor doutor antes de ir buscar o agente Kowalski — declarou Monty.

Simon regressou ao expositor, agindo como se Monty já lá não estivesse, mas ainda sugeriu: — Saia pela porta das traseiras. É mais rápido.

Mais uma coisa que Wolfgard nunca pensaria em sugerir há algu-

mas semanas, pensou Monty ao passar pelo armazém, a caminho da porta das traseiras da LUM. Não se iludia, pensando que os Outros viam os seres humanos como aliados, e muito menos como iguais. Os humanos continuavam a ser carne inteligente. Contudo, era a primeira vez que o Pátio se mostrava tão acessível aos seres humanos desde que... bem, desde que os humanos haviam atravessado o Oceano Atlântico, há séculos, e feito as primeiras trocas com os *terra indigene* naquele continente.

Só esperava que essa afabilidade se mantivesse depois de Simon perceber que fora dopado com a droga conhecida como «lobo passado».

Jenni Crowgard entrou na Ler e Uivar por Mais apenas com um casaco comprido que cheirava a Heather e cobria as pernas do Corvo até meio da coxa.

Simon observou-a. Naquela manhã, a jovem, regra geral alegre e curiosa, parecia distante e circunspecta.

— Ouviste alguma coisa — comentou ele.

Não se tratava de uma pergunta. Cada espécie de *terra indigene* tinha as suas qualidades características. Embora houvesse quem lhes chamasse bisbilhoteiros, poucos transmitiam informações mais depressa do que o Clã dos Corvos. Mesmo naquela altura, a única coisa mais rápida do que os Corvos era o telefone que os seres humanos haviam inventado há poucas décadas. E os computadores, já que Vlad dizia que era possível enviar a mesma mensagem a muitas pessoas.

— Walnut Grove — incitou ele, observando-a.

Jenni envolveu-se com os braços.

— Qualquer coisa má. Não sei o quê. Não sei porquê.

Ela sabia coisas acerca do assunto e do motivo — coisas que de certeza os seres humanos ainda não saberiam. Pouco a pouco, Simon arrancou-lhe a informação. Comida fresca na neve, uma tentação naquela altura do ano. Jovens corvos e Corvos a tentarem apanhar algum pedaço. Depois cães, morte e muitos seres humanos.

— A Meg sonhou com Corvos esta noite — explicou Simon, depois de Jenni lhe ter contado o que sabia. — Ficou muito assustada.

Jenni franziu o cenho.

— Porque é que a nossa Meg havia de sonhar com Walnut Grove?

— Não há motivo para ela sonhar com essa zona do Pátio... a menos

que seja um aviso. — Fitou Jenni até que esta se sentiu incomodada. — Tu, as tuas irmãs e o resto do Clã dos Corvos em Lakeside têm de ser cuidadosos. Walnut Grove fica a cerca de duzentos e cinquenta quilómetros a sul desta cidade. Se a doença que afetou humanos e Outros no Midwest e em Jerzy, na Costa Oeste, chegou a esta parte de Tháisia, todos precisamos de ter cuidado. É fácil viajar até Walnut Grove de comboio. Facilmente a doença regressa a Lakeside com alguém.

— Nós temos cuidado.

— Se vires a Meg a esfregar os braços, como costuma fazer quando sente o formigueiro das visões, avisa-me. E presta atenção a tudo o que ela disser.

— Eu presto atenção — prometeu Jenni. — Mesmo que aquilo que a nossa Meg diga não seja acerca de Corvos.

Simon decidiu ficar satisfeito com essa garantia e mandou-a embora, regressando depois ao expositor de novidades. Desde o temporal que se verificava uma notória falta de clientes, mesmo tendo em conta a assistência sem precedentes que os Outros haviam prestado a alguns humanos retidos.

*Eles ou voltam ou não voltam*, pensou Simon, enquanto lia a sinopse na contracapa de alguns livros e os reservava para si. *Seja como for, hoje não queremos macacos desconhecidos aqui no Pátio.*

Ao ouvir o estrépito de rodas, Simon virou-se e observou Heather a empurrar um carrinho até ao balcão da caixa. O Pátio de Lakeside fornecia bens a todos os *terra indigene* que viviam nas terras selvagens circundantes. Aquilo que ultimamente faltava à LUM em clientes humanos era mais do que equilibrado com o número de encomendas chegadas de todas as colónias.

— Vais tratar das encomendas? — perguntou. Heather dissera que era isso que ia fazer quando se dirigiu às traseiras, pelo que Simon se limitava a ser educado e a tentar compensar a resposta brusca de há pouco.

Heather não lhe respondeu, limitando-se a atirar-lhe Um Olhar.

Com um resmungo, Simon voltou à disposição dos livros. Um coelho a tentar intimidar um Lobo? Ridículo!

Enquanto pensava nisso com mais atenção, Simon deslocou-se para a observar enquanto ia dispondo livros. Ultimamente pensava mais em Heather como um coelho? A comparação sempre estivera presente, tan-

to enquanto avaliação de personalidade como na forma de reagir aos Outros. No entanto, apercebia-se agora de que desde a tempestade que pensava mais nela nesses termos.

Havia qualquer coisa que mudara em muitos dos seres humanos que trabalhavam no Pátio. Alguns, como Lorne, que geria o Três P — a loja para papel, prelo e posta —, continuavam os mesmos de sempre. Outros humanos, como Merri Lee, exibiam um pouco de Lobo nas suas personalidades e, embora assisadamente cautelosos, mostravam-se mais dispostos a trabalhar com os *terra indigene*. Outros ainda, como Heather, pareciam mais conscientes de que nunca viriam a ser predadores.

Não podia despedi-la por ela ser um coelhinho. Bem, poder, podia, mas não o queria fazer. Para começo de conversa, perderia uma excelente funcionária. Além disso, seria difícil para ela se não encontrasse trabalho de imediato, o que deixaria Meg e a alcateia humana infelizes. Não queria que Meg estivesse infeliz.

Simon reprimiu um suspiro e obrigou-se a devolver a atenção ao expositor dos livros.

Não importava se tinha ou não clientes humanos. Enquanto Meg e a alcateia dela estivessem no Pátio, disporia de bastante comportamento humano para estudar e para o deixar enigmado.

Monty encontrou Dominic Lorenzo a visitar um espaço de escritório térreo na Rua do Mercado.

— Doutor Lorenzo.

— Tenente Montgomery.

— Está mesmo a pensar em abrir consultório no Pátio? Fiquei com a impressão de que não tinha os Outros em grande estima.

— Não sei se tenho — replicou Lorenzo. — Mas não há mais nenhum médico neste continente com a oportunidade de interagir tão de perto com os *terra indigene*. Estive a confirmar.

— E de poder interagir com uma profetisa de sangue? — indagou Monty calmamente.

Lorenzo susteve-lhe o olhar.

— Pesou bastante na decisão de apresentar a proposta de abrir um consultório e de ser, por assim dizer, o médico residente.

— Vai deixar o seu trabalho no hospital?



— Não. Falei com os administradores, depois de os Outros terem eliminado a taxa sobre a água, como agradecimento por terem cuidado da Meg Corbyn. É uma grande poupança.

Monty assentiu.

— Também aboliram a taxa na Esquadra de Chestnut.

— Embora nos preocupe ter os Outros perto de doentes ou de feridos, não podemos negar que ter um hospital disposto a providenciar cuidados a qualquer residente do Pátio poderá representar uma grande diferença para todos nós no futuro. Tal como me frisou durante a tempestade. Neste momento proponho abrir o consultório umas duas manhãs por semana.

Inverno estabelecera a recuperação de Meg como condição para o final da borrasca e, apesar das suas reservas quanto aos Outros, Lorenzo oferecera à Intermediária Humana os melhores cuidados que tinha ao seu alcance. Literalmente, as ações do médico salvaram todos os habitantes da cidade.

— Cuidados básicos — declarou Lorenzo, descrevendo um gesto com a mão que abarcou o espaço de escritório. — A Associação Comercial do Pátio está disposta a adquirir equipamento adicional que seja necessário, embora não me pareça que seja preciso grande coisa para o tipo de cuidados que tenho em mente. Estão a revelar-se obstinados quanto a ter uma enfermeira que me assista ou alguém que trate da papelada. — Lançou a Monty um olhar inquiridor. — Será que pode fazer alguma coisa quanto a isso?

Monty abanou a cabeça, e depois pensou melhor.

— Eles têm aqui uma espécie de curandeiros, não têm? Talvez um deles possa assisti-lo e ao mesmo tempo aprender um pouco de medicina humana. E não há uma massagista terapêutica a usar parte deste espaço? — Vira a placa da Massagens Boas Mãos junto à porta.

— Sim, ela usa um dos gabinetes. Não me parece que tenha muitos clientes, por isso tem um horário limitado.

— Pode informar-se sobre como ela trata das marcações. Talvez a Associação Comercial aceda à contratação de um assistente administrativo para os dois, alguém que trate das consultas e da papelada.

— É uma possibilidade — admitiu Lorenzo. — Vou juntar isso aos meus apontamentos. Amanhã vou fazer uma apresentação formal à Associação Comercial e ao cônsul.

Monty abordou finalmente o motivo principal que o levara a querer falar com Lorenzo.

— Já lidou com *cassandra sangue*. Soube o que eram as cicatrizes da Menina Corbyn assim que as viu.

— Sim, já tinha visto jovens como ela. — Lorenzo demorou-se a mirar o tenente. — A Meg Corbyn é mais saudável e mais sã do que as pequenas que tratei durante o meu internato. Sabiam tratar de mulheres como ela, lá de onde veio.

— Pelo que me disseram, esses cuidados incluíam aulas forçadas, cortes forçados e nenhuma oportunidade de viver a vida. Cuidavam delas, sim, mas eram usadas para o lucro de alguém.

— Disseram-me basicamente a mesma coisa quando o Lobo permitiu que fizesse algumas perguntas à Menina Corbyn, durante a estadia no hospital — adiantou Lorenzo. — Mas até as jovens que vi antes estavam num ambiente controlado, uma casa privada que servia de anexo a uma escola. Não sei se as *cassandra sangue* conseguem sobreviver sem alguém que lhes controle a vida. Até mesmo com supervisão, são muitas que se matam com os cortes, ou que enlouquecem. — Fez uma pausa. — Há por aí um grupo de seres humanos que são um perigo para eles próprios, e eu quero ajudar. Tendo em conta os cuidados de que estas miúdas precisam, tem de haver *alguém* que saiba como lidar com elas e com o vício nos cortes. Mas a informação disponível é muito limitada.

— A falta de informação ajudaria a desencorajar a criação de casas comunitárias e de tentar lidar com estas jovens — concordou Monty. — Imagino que várias instalações bem-intencionadas tenham fechado as portas ao longo dos anos devido às mortes que os cortes provocaram. — Tratava-se de algo que poderia confirmar quando voltasse à esquadra.

Lorenzo aquiesceu.

— Ter a oportunidade de interagir com a Meg Corbyn poderia ser o primeiro passo para encontrar maneira de ajudar todas estas raparigas a terem vidas mais longas e saudáveis.

Monty desejou felicidades para a reunião de Lorenzo no dia seguinte e saiu dali; pegou no telefone móvel e ligou a Kowalski. Depois de confirmar que o agente mais jovem o iria buscar, dirigiu-se à pastelaria.

Monty entrou pelas traseiras e cumprimentou Tess, a *terra indigene* que geria o Trincadela. Enquanto a via a dispor travessas de biscoitos e bolos, interrogou-se se alguém entraria para os comprar.

— O que acontece à comida que sobra ao fim do dia? — quis saber.  
— Normalmente, aquilo que não se pode guardar para o dia seguinte é dado — explicou Tess. — O Carne-e-Legumes recebe parte para incluir nas refeições que lá servem à noite. O resto é dividido entre os clãs e levado para os complexos, para quem quiser a comida.

Ouviu-se passos no fundo do estabelecimento.

Tess baixou o tom de voz.

— E nos dias só para residentes, como hoje, os *terra indigene* curiosos sobre como é estar numa pastelaria aventuram-se para experimentar.

Quantos dos Outros a residir no Pátio não frequentariam a pastelaria por esta servir humanos? Sentir-se-iam melindrados com os funcionários humanos que trabalhavam na Praça do Mercado e ali podiam fazer compras? Ou seria uma questão de número? Uma mancha de seres humanos não constituía perigo e, logo, podiam ser tolerados, mas uma loja cheia deles era um lugar a evitar?

Será que os *terra indigene* que viviam e trabalhavam nos Pátios se sentiam pressionados por passarem os dias cercados por um inimigo? Ou encontrariam consolo no facto de que pelo menos alguns elementos da raça sobreviveriam sempre a um conflito por serem devastadoramente letais?

E quanto à decisão inaudita de Simon Wolfgard de permitir que um punhado de humanos, que não a Intermediária Humana, interagisse com os Outros que residiam no Pátio?

Viu-os entrar para a pastelaria — seis machos e duas fêmeas. Com base nas cores típicas, três machos apresentavam os olhos ambarinos dos Lobos, um macho e uma fêmea ostentavam os cabelos e olhos negros dos Corvos, e Monty não reconhecia se os outros eram Falcões, Corujas ou um tipo de nativo da terra que ainda não tivesse visto.

— Não quero incomodar os seus clientes — indicou Monty discretamente. — Espero pelo agente Kowalski lá fora.

— Fique — disse Tess. Soava mais a ordem do que a pedido.

Monty hesitou por um instante e depois, cumprimentando o grupo ainda reunido junto à entrada das traseiras com um aceno de cabeça, sentou-se a uma mesa perto da arcada que dava acesso à Ler e Uivar por Mais.

Tess apontou para as outras mesas.

— Sentem-se.

Desconfiados, e sempre de olhos postos em Monty, o grupo dividiu-se e ocupou as mesas mais distantes dele. E todos escolheram cadeiras a partir de onde o conseguissem ver.

Kowalski abriu a porta da frente e entrou, lançando um olhar sobressaltado aos Outros, o que confirmava a teoria de Monty de que aqueles *terra indigene* não eram vistos habitualmente pelos humanos com autorização para entrar no Pátio. Com um cumprimento geral, Kowalski juntou-se ao seu tenente.

Tess levou um tabuleiro até à mesa, onde dispôs duas canecas de café, a par de açúcar e de natas. Deixou ainda talheres e guardanapos. Depois entregou-lhes folhas de cartolina com a ementa impressa.

Kowalski abriu a boca, sem dúvida com a intenção de tecer um comentário por ter recebido uma ementa, olhou para o cabelo de Tess, que de repente ganhou madeixas verdes e começou a encaracolar-se, e não disse nada.

— As sanduíches do dia são de frango ou lombo de vaca. Também tenho quiche acompanhada de fruta fresca — elencou Tess. — Isso, além da ementa habitual.

*Somos um exemplo*, percebeu Monty. *Uma formação ao vivo, a mostrar o que fazer em determinada situação. Foi por isso que a Tess quis que ficássemos.*

— Quero a quiche com a fruta.

Quando Tess olhou para Kowalski, este disse: — Quero a sanduíche de vaca.

— Com a fruta a acompanhar? — perguntou Tess.

— Sim, obrigado.

Merri Lee surgiu vinda das traseiras e ocupou o seu lugar ao balcão. A humana parecia contundida em torno dos olhos, mas isso podia dever-se apenas à falta de descanso. À semelhança de Heather Houghton, Merri Lee estudava na Universidade de Lakeside, e Monty lembrava-se bem dos serões passados a estudar para um exame ou a concluir um trabalho cujo prazo terminava no dia seguinte.

Logo, podia ser apenas falta de descanso. Ou podia ser outra coisa. Como Karl se esforçava por não reparar, mais tarde Monty saberia se o agente ouvira alguma coisa.

Tess aceitou os pedidos dos *terra indigene* e depois ajudou Merri Lee a servir os clientes.

Os Lobos, os Corvos e os outros observaram-no. Observaram-no a estender o guardanapo sobre o regaço e depois, após um momento de hesitação, imitaram-no. Observaram os utensílios que usava e o que podia ser comido à mão, como a sanduíche de Karl. Observaram Merri Lee a fazer a ronda às mesas e a reencher canecas de café e copos de água.

Foram observando, e enquanto ouvia Karl a falar sobre o equipamento de treino no Corre & Bate e sobre o novo livro de que a noiva, Ruth, estava à espera, Monty apercebeu-se lentamente de que aqueles *terra indigene* não eram do Pátio. Pelo menos não eram *daquele* Pátio. Talvez tivessem feito uma entrega de carne e de produtos hortícolas e decidido passar pelo café antes de regressarem a casa. Talvez estivessem ali para uma reunião com Simon Wolfgard. Talvez viessem de uma colónia na terra selvagem com pouco ou nenhum contacto com seres humanos.

Quem quer que fossem e de onde quer que viessem, para eles, a novidade não era apenas aquele estabelecimento. Era fácil de perceber que nunca haviam estado perto de seres humanos. Pelo menos, nunca o haviam feito sem que pretendessem matar e comer esses humanos. Agora, ali estavam, a beber café e a consumir bolos e sanduíches, enquanto respondiam aos comentários afáveis de Merri Lee com palavras frias e precisas, quais turistas que se servissem de um livro de expressões estrangeiras para comunicar.

Será que em seguida se dirigiriam à Ler e Uivar por Mais para comprar livros que explicassem como usar dinheiro humano?

Pela primeira vez desde que frequentavam o Trincadela, Tess apresentou-lhes uma conta. Monty tirou a carteira, sentindo-se cada vez mais um ator numa peça, e recusou a oferta de Kowalski de pagar metade. Tess foi buscar o troco, e ele e Karl discutiram a percentagem correta para a gorjeta. Não levantaram a voz. Com efeito, até falaram mais baixo do que o habitual, mas Monty sabia que cada *terra indigene* estava a ouvir o que era dito e arquivava essa informação.

Foi um alívio sair da pastelaria e entrar no carro-patrolha. Kowalski ligou o motor, mas não engrenou qualquer mudança.

— Isto foi estranho — comentou Kowalski. — Lembro-me de o meu pai nos levar, em miúdos, a uma geladaria e de fazer mais ou menos a mesma coisa, de falarmos sobre gorjetas e de nos recordar o comportamento correto sobre o qual tínhamos falado a caminho do estabeleci-

mento. Só que nenhuma das crianças lhe ia arrancar um braço à dentada se não gostasse do que ele dissesse.

— Alguma vez pensaste em como os Outros escolhem os professores que os ensinam a serem humanos? — indagou Monty.

Karl lançou-lhe um olhar ponderado.

— Eles nunca são humanos, tenente. Só nos imitam para conseguirem o que querem.

Monty assentiu.

— Pois é. Eles imitam. E tens razão. Nunca vão ser humanos. Mas ocorreu-me que aqueles que os Outros escolhem como modelos determinam se vão imitar o melhor ou o pior daquilo que é ser-se humano.

Karl suspirou.

— Parece que isso fez de nós modelos.

— É verdade — concordou Monty. — E isso deixa-me esperançoso em relação a todos nós.

Ao saírem do parque de estacionamento e enquanto se dirigiam à esquadra, Monty interrogou-se se os visitantes no Pátio estariam, de alguma forma, associados às mortes em Walnut Grove.

Meg foi buscar os trapos, a pá e a vassoura, e o spray de detergente de que precisava para arrumar a Estação do Intermediário. A novidade das limpezas passara logo após as primeiras vezes que o fizera sozinha, mas gostava do resultado final. Além disso, uma estação limpa era uma estação sem ratos.

A Estação do Intermediário era um edifício retangular dividido em três salas grandes. A sala das traseiras tinha a casa de banho, bem como um espaço de armazenamento com caixas cheias de roupas que os Outros usavam quando mudavam da forma peluda ou penada para a forma humana. Albergava ainda uma zona de cozinha e uma pequena mesa redonda com duas cadeiras. A divisão central era a sala de separação. Nela estava a grande mesa retangular onde Meg separava a correspondência e as encomendas que chegavam para os estabelecimentos e para os residentes do Pátio de Lakeside. A sala da frente tinha um balcão com três lados onde ela falava com os entregadores e aceitava encomendas. Também aí estavam dois carrinhos, junto à porta de entregas que permitia a passagem entre a sala da frente e a sala de separação. E era onde

se encontrava Nathan Wolfgard, esparramado na grande cama de cão — agora chamada de cama de Lobo — que ela comprara como gesto de boa vontade para com o Lobo que fora incumbido de a guardar durante o horário de expediente.

Meg abriu a porta marcada como privada, a qual lhe dava um acesso fácil ao balcão da recepção quando estava a trabalhar na sala de separação. Pousou a vassoura e a pá ao lado da porta e disse alegremente: — Como esta manhã não estou à espera de entregas, é uma boa altura para limpar. Podias levar a cama de Lobo lá para fora e sacudi-la.

Nathan ergueu a cabeça o suficiente para lhe lançar um olhar lupino, ao que bocejou e voltou a refastelar-se na cama.

Acabaria por fazê-lo. E se ela não o chateasse com isso, talvez Nathan vestisse umas calças antes de ir para a zona de entregas sacudir a cama à vista de todos os que por ali passassem. Não lhe parecia que se visse grande coisa lá da frente — pelo menos, o tenente Montgomery não telefonara a pedir explicações sobre um homem nu —, mas como a frente da estação tinha duas janelas grandes e uma porta de vidro, Meg já tivera um bom panorama da parte traseira da forma humana de Nathan.

Com base nas imagens de formação que lhe haviam servido de referência para o mundo no exterior do complexo, Nathan era dono de uma forma humana muito interessante.

E mesmo só tendo tido um vislumbre rápido antes de Simon se ter enfiado debaixo dos cobertores, a sensação era de que ele também teria uma bela forma humana.

*Limpa*, ordenou-se Meg. *As mãos que trabalhem enquanto a mente divaga*. Fora isso que Merri Lee dissera.

Borrifou o balcão da recepção e esfregou-o.

Talvez não devesse ter dito nada quanto ao facto de Simon ter estado em forma humana nessa manhã. Bem, ela não *dissera* nada. Tinha, isso sim, debitado a sua verborreia durante um minuto inteiro quando corraera ao Trincadela antes do trabalho para o seu café da manhã e um queque. Nem sequer tinha a certeza de ter sido coerente, mas Merri Lee ficara com a ideia da coisa. Daí a sugestão de que fizesse algumas tarefas enquanto os pensamentos e os sentimentos se ordenavam.

Esperava que os sentimentos se ordenassem. E esperava que, assim que tal acontecesse, continuasse a ter Simon como amigo, mesmo que decidisse que não queria um amante.

E ela *não queria* qualquer tipo de amante naquele momento. Pois não?

Meg esfregou a cana do nariz e resfolegou com a dor inesperada. Correu para a casa de banho, onde observou o rosto... e a greta na pele da narina esquerda.

Uma hora depois, Meg estava encostada à mesa da sala de separação e folheava uma revista. Quando se apercebeu de que ainda não parara de esfregar os braços, fechou-a.

Demasiadas imagens. Demasiadas coisas novas em que pensar e meditar. E receava que aquela lesão na pele fosse sinal de algo terrivelmente errado a passar-se. Afinal de contas, não tinha qualquer garantia de que as *cassandra sangue* pudessem sobreviver fora de complexos como aquele onde ela passara a maior parte da vida. Talvez as raparigas como ela *não conseguissem* sobreviver muito tempo.

*Não penses nisso*, admoestou-se, enquanto olhava na direção da porta Privada. Nathan estava suspeitosamente quieto desde que ela aplicara pomada antisséptica na pele gretada e voltara à sala de separação. Não teria ele uivado se tivesse sentido o cheiro do medicamento? Não teria irrompido pela sala de separação para a farejar e descobrir o que se passava? Ou teria decidido proceder discretamente à caçada?

Eram muitas as presas que haviam aperfeiçoado a arte de ocultar maleitas ou lesões para evitarem serem escolhidas quando os predadores andavam à caça. Os Lobos *terra indigene* haviam aperfeiçoado a arte de reconhecer aquilo que as presas tentavam esconder. Assim sendo, Meg não ficou propriamente surpreendida quando Henry Beargard lhe apareceu na passagem entre a sala das traseiras e a sala de separação.

Pelos vistos, Nathan decidira contar a Henry sobre o cheiro a medicamento, em vez de ser ele a começar a uivar.

— Como estás, Meg? — perguntou Henry na sua voz tonitruante.

— Estou bem — mentiu ela. Os Lobos sentiam o cheiro do medo. Os Pardos também.

Ao cruzar a sala até junto da mesa de separação, Henry passou a mão grande pelo cabelo castanho desgrenhado que lhe chegava aos ombros. Os olhos castanhos que a estudaram serviam para lhe recordar que Henry era, entre outras coisas, o espírito-guia do Pátio.



Farejou o ar, mas não comentou o cheiro a medicamento, dizendo, em vez disso: — Ouvi dizer que empurraste o Simon da cama aos pontapés.

Meg suspirou. Uma vez que o contara, por assim dizer, a Merri Lee, não podia censurar Simon por tê-lo comentado. No entanto, aquilo que há uns dias parecia uma amizade natural aparentava agora ser muito complicado.

— Tive um sonho mau. O Simon contou-te do sonho? — Esperou que Henry assentisse. — Estava a dar um pontapé a qualquer coisa no sonho, mas o Simon meteu-se à frente e caiu da cama. Mas não o atirei da cama aos pontapés *deliberadamente*. Um pontapé. Não interessa. — Fez uma pausa. — Ele ficou zangado com isso?

— Está a coxear e todos lhe perguntam o que aconteceu. É embaraçoso para ele, pois nós achamos a história divertida.

— Pois ele não me devia dar com o nariz quando estou a ter um sonho mau!

A gargalhada de Henry ribombou.

— Acho que ele já aprendeu essa lição.

*Pelo menos, o Simon não anda por aí a chamar-me Meg, Coice de Alce. Por enquanto, pensou Meg.*

— Agora — prosseguiu Henry. — Porque me cheiras a medicamento?

Meg virou a cabeça e apontou para o nariz.

— A pele gretou. Não sei porquê. Eu não... a cortei.

— Foi por isso que tiveste o sonho?

— Não sei. Talvez. As coisas fora do complexo são tão diferentes. Há muitas imagens, mas não sou capaz de as catalogar. Elas confundem-se e não têm rótulos, e às vezes estou a trabalhar, mas de outras vezes não... passam-se cinco ou dez minutos comigo aqui, sem ver nada.

Não pretendia dizer aquilo, não tencionara contar a ninguém como por vezes ficava com a mente em branco. Os Outros — sobretudo Simon — não a deixariam conduzir um Cairo sozinha se viessem a saber desses apagões. E acabara de o contar a Henry, que ali ficou, a mirá-la como se fosse uma coisa bizarra.

— O Simon sabe disto? — acabou Henry por perguntar.

Meg abanou a cabeça.

— Temos mesmo de falar sobre isto agora?

Um olhar demorado.

— Temos muito em que pensar, pelo que podemos deixar o assunto de lado. Por agora.

— Obrigada. — A discussão fora adiada, mas não seria esquecida. — Vieste saber do Simon? — Meg sabia que Henry se servira do pontapé a Simon como desculpa para descobrir a razão do cheiro a medicamento.

— O curandeiro humano esteve aqui, a ver o espaço para escritórios na Praça do Mercado — disse Henry. — Talvez devêssemos chamá-lo, para ver o que se passa com a tua pele.

— Médico — corrigiu Meg, baixinho. — Chama-se médico. — Sentiu um arrepio, incapaz de reprimir o receio contido nas recordações da sua antiga vida. — Não é preciso consultar-me por causa disto.

— Incomoda-te tê-lo aqui. — A voz de Henry lembrava o trovão que anuncia o temporal que se avizinha.

*Cuidado*, pensou Meg.

— Não, o doutor Lorenzo não me incomoda. Parece-me boa pessoa e cuidou bem de mim quando estive no hospital. — Henry aguardou. Meg imaginava que ele fosse capaz de esperar durante horas. — Vão deixar entrar mais um humano por minha causa. É por isso que o Simon está a pôr a hipótese de deixar que o doutor Lorenzo abra aqui um consultório, não é? Para cuidar de mim? Mas assim, ele teria acesso à Praça do Mercado, poderia observá-los a todos.

Henry sorriu.

— Por mais que os humanos julguem que ficam a saber sobre nós, os *terra indigene* descobrem sempre mais, Meg.

— Ele cuidaria dos outros funcionários?

— Podemos debater isso. — Um silêncio. Depois: — Porque não o queres aqui?

— A bata — exclamou Meg, enquanto tentava coçar a pele através das várias camadas de roupa. — A bata branca. Os Nomes Ambulantes, as pessoas que cuidavam das raparigas no complexo, usavam esse tipo de bata branca, ou então fardas brancas.

— Nesse caso, ele não utilizará tal símbolo de medo e de dor quando se encontrar aqui no Pátio, Meg!

Ouvir o seu nome rugido por um Pardo sobressaltou-a a ponto de a levar a afastar-se da mesa a cambalear — e isso levou Nathan a saltar

para cima do balcão da sala de recepção, pronto a irromper pela passagem Privada, caso fosse necessário.

— Ele não vai usar o símbolo do teu inimigo — asseverou Henry.

— *Arroooo!*

Assentimento por parte de Nathan. Não interessava se estivesse ou não a prestar atenção à conversa. Um Lobo nunca discutiria com um Pardo — sobretudo quando esse Lobo chamara o Pardo em causa para ajudar com uma humana.

— Está tudo bem. — Houve qualquer coisa que se descontraiu no íntimo de Meg. Ou talvez ela estivesse agora mais concentrada em dizer as palavras certas para que Nathan saísse do balcão antes que escorregasse e se magoasse. Olhou para Henry e depois para o Lobo. — Eu estou bem.

Com a crise sanada, Nathan saltou do balcão e regressou à cama. Henry deixou-a, com a garantia de que batas brancas seriam proibidas.

Meg ficou na sala de separação, tentando bloquear as recordações da vida passada no complexo e convencer-se de que nunca teria de lá voltar. Durante a pausa para o almoço, iria à LUM procurar um livro de terror escrito por um autor *terra indigene*. Essas histórias assustavam-na a ponto de ter de dormir com a luz acesa, mas também era reconfortante saber como os Lobos eram aterradores ao atacar um ser humano que considerassem inimigo.

Henry dirigiu-se ao Trincadela, agarrou em Merri Lee e, mesmo com os protestos furiosos de Tess, levou-a para as traseiras do estabelecimento.

As duas fêmeas precisaram de alguns instantes para se acalmarem e para o escutarem, mas assim que o fizeram, e assim que Merri Lee percebeu o que lhe estava a ser pedido, ele sentiu-se a um tempo melhor e pior. O problema com a pele não se prendia com o facto de Meg ser profetisa de sangue; era por ela ser humana. Mas os Outros nunca haviam tentado cuidar de um ser humano, e até mesmo os humanos tinham dificuldade em cuidar de alguém como Meg.

Como poderiam os *terra indigene* saber que restava tão pouco instinto aos seres humanos para cuidarem deles próprios?

Claro que, verdade fosse dita, Meg nunca tivera oportunidade de cuidar de si.

Lábios gretados. Pele gretada que podia abrir devido ao frio, ao ar seco e à desidratação. Cutículas ásperas que podiam fender e sangrar. O inverno era uma estação complicada para a pele humana, mas havia cremes para o rosto e para as mãos, e loções para o corpo que ajudariam. A marca que os Outros exigiam aos funcionários que usassem encontrava-se disponível em algumas lojas humanas, mas era muito cara, e essas loções e cremes não estavam à venda nos estabelecimentos da Praça do Mercado, onde seriam mais em conta.

Se lhe dessem a escolher, Henry de bom grado abraçaria um porco-espinho, em vez de ouvir falar com tanto entusiasmo acerca de loções e de cremes para as mãos. Como não tinha escolha, além de ter sido *ele* quem perguntara, aguentou as explicações de Merri Lee até que Tess mandou calar a jovem.

— Se prometerem explicar à Meg como se cuida da pele, eu encontrando produtos suficientes para todas vós — prometeu Tess.

— Claro. Podemos falar depois da aula de Mente Calma desta noite — sugeriu Merri Lee. — A Ruthie e a Heather também lá vão estar.

— Há mais uma coisa — acrescentou Henry, olhando para Tess. — A nossa Meg admitiu que por vezes fica tão assoberbada com as imagens que passa minutos com a mente em branco. Isso assusta-a.

— Sobredose de informação — disse Merri Lee de imediato. — Quando os estímulos são em demasia, o cérebro precisa de fazer uma pausa. Acontece a toda a gente.

<Não nos acontece a nós>, disse Tess.

<Somos mais espertos do que os humanos em muitos aspetos>, respondeu Henry. Depois disse a Merri Lee: — É mais uma coisa que tem de ser explicada à Meg. Isso é-lhe desconhecido e a experiência tem sido assustadora.

Depois de Merri Lee concordar em dizer a Meg que o excesso de informação era uma ocorrência comum entre os seres humanos, Henry esgueirou-se do café e procurou o sossego do seu estúdio. Ao percorrer o carreiro até à porta do estúdio, relanceou sobre o muro à altura dos ombros que separava o seu quintal da zona de entregas à frente da Estação do Intermediário. Depois parou. A conversa sobre loções e cremes fora uma distração desconcertante, mas agora pensava em tudo o resto que descobrira nesse dia.

Naquele momento não havia entregas a serem feitas. Isso não era

invulgar. Não havia Corvos no muro, e *isso* era estranho. Desde que Meg começara a trabalhar para os Outros que havia Corvos à volta da estação. Sentinelas que anunciavam a chegada de entregadores normais e que alertavam para a presença de estranhos. Henry nem sempre lhes prestava atenção, pois costumavam palrar tanto como as fêmeas humanas, mas agora estava a dar pela falta deles.

Demasiado inquieto para trabalhar nas esculturas e nos totens de madeira, Henry preparou uma caneca de chá e depois telefonou a Vladimir Sanguinati, o cogerente da Ler e Uivar por Mais.

— Vlad? Não, a Meg está bem. Mas quando o Simon se sentir mais calmo, diz-lhe que ela ficou muito incomodada quando falou sobre médicos e batas brancas. Isso é algo que devemos ter sempre presente.

Lá mais para o fim do dia falaria com Simon e Vlad acerca de pele que podia gretar o suficiente para revelar profecias, mas que não chegava a sangrar.